

## Figuras institucionalizadas pelo cânone brasileiro: o negro como *persona* na literatura nacional

---

letrônica

---

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.  
(*Versos íntimos*)<sup>1</sup>

a pergunta eleva sua crista:  
- quem dentre nós mais de  
trezentos anos  
de ruínas de quilombos  
traz dentro do peito?  
(*Impasses e passos*)<sup>2</sup>

Adriana Elisabete Bayer<sup>3</sup>  
Maristela Kirst de Lima Girola<sup>4</sup>

Luiz Costa Lima, em *Persona e sujeito ficcional*, ao analisar o memorialismo, a articulação entre real e ficcional e os atributos concernentes à entidade empírica que atende pela designação de autor, escreve:

A *persona* não nasce do útero senão que da sociedade. Ao tornar-me *persona*, assumo a máscara que me protegerá de minha fragilidade biológica. Se [a] imaturidade biológica não nos entrega prontos para a vida da espécie, então a convivência social será direta e imediatamente marcada pela constituição variável da *persona*. Sem essa, aquela se torna impensável.<sup>5</sup> (COSTA LIMA, 1991, p. 117)

<sup>1</sup> ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues dos. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: LP&M, 1998, p. 85.

<sup>2</sup> CUTI. [s.d.]. *Cadernos negros*. Disponível em: <<http://www.cuti.com.br/>>. Acesso em 11 out. 2009.

<sup>3</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS; bolsista CNPq, com a pesquisa *Literatura santomense: entre obós, luchãs e o Atlântico, um mar de mensagens*, orientada pelo Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil.

<sup>4</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS; bolsista CAPES, com a pesquisa *O espaço ficcional e a personagem feminina no romance português da segunda metade do século XX*, orientada pela Dr. Maria Luíza Ritzel Remédios.

<sup>5</sup> COSTA LIMA, Luis. *Persona e sujeito ficcional*. In: 2º CONGRESSO ABRALIC. *Literatura e Memória cultural*, 1991, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, p. 117.

Embora a análise da literatura denominada confessional não esteja inclusa neste ensaio, a questão da *persona*, tratada por Costa Lima, interessa-nos à medida que, na ficção, se “concretiza e atua pela assunção de papéis”.<sup>6</sup> Portanto, da conjunção entre *persona* e papel, resulta uma determinada envoltura simbólica, que se atualiza continuamente no processo de socialização. Ressaltamos, porém, que “o importante a considerar é que a armadura da *persona* é sempre uma plástica argila, passível de desenhos até mesmo contraditórios. Manter-se sempre igual a si mesmo equivaleria a destruir a própria armadura”.<sup>7</sup> A alteridade é a responsável pela moldagem da armadura simbólica e suas transformações. Assim, evidencia-se a *persona* pela construção lingüística, uma vez que adquire seus contornos pelo/para o outro.

A narrativa é o lugar privilegiado para pontuar as características e transformações da *persona*, pois no “mundo ficcional as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, - ao contrário do caos da vida – pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes”.<sup>8</sup> Dessa forma, neste estudo, com a finalidade de demonstrar a criação de figuras institucionalizadas sobre o/a negro/a e o/a mulato/a, no cânone literário brasileiro, e de personagens representantes da ruptura com as estruturas de valor, examinaremos, respectivamente, as personagens Raimundo e Rita Baiana dos romances de Aluísio Azevedo, *O Mulato* (1881)<sup>9</sup> e *O Cortiço* (1890), Arminda, do conto *Pai contra mãe* (1906), de Machado de Assis, o negro Bonifácio e Sargento Caldeira das obras *Contos Gauchescos* (1912), de Simões Lopes Neto, e *Netto perde sua alma* (2001), de Tabajara Ruas.

As *personas*, analisadas ao longo deste ensaio, são seres plurais. Todavia, apresentam uma especificidade em comum: a cor da pele. Se, como afirmado anteriormente, a *persona* é constituída enquanto projeção da linguagem, agora se soma mais a consideração de que na projeção estão incutidos sentidos raciais e de cor. Por conseguinte, indagamos: como essa *persona*, em cuja interação com o outro se percebe como ser, reage ao discurso e a práticas discriminatórias, concernentes à cor da pele, dentro de um corpo social?

---

<sup>6</sup> Id. Ibid., p. 117.

<sup>7</sup> Id. Ibid., p. 122.

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 67.

<sup>9</sup> *O Mulato* é a obra que inaugura o naturalismo no Brasil, segundo SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Alfredo Bosi, em sua obra *Dialética da Colonização*,<sup>10</sup> cita o mito bíblico que foi utilizado para justificar a escravidão negra. Trata-se da história dos três filhos de Noé: Cam, Sem e Jafé. O primeiro viu o pai nu, após ter ele se excedido na bebida, e foi contar aos irmãos, que, por sua vez, não quiseram ver a nudez do pai e trataram de cobri-lo com um manto. Noé, ao recobrar a lucidez, zangou-se com o ocorrido e amaldiçoou Cam e sua descendência, que ficou condenada à negritude<sup>11</sup> e aos trabalhos forçados.

Na recorrência da lógica da exclusão, Bosi assegura que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, quando a teologia católica ou protestante se viu confrontada com a generalização do trabalho escravo nas economias coloniais, os velhos mitos bíblicos serviram ao novo pensamento mercantil para justificar o tráfico negreiro. Serviram também ao discurso salvacionista cristão, que via na escravidão um meio de catequizar populações antes entregues ao fetichismo ou à prática da religião islâmica.

Estratégias discursivas que indiciam o negro como um ser amaldiçoado, portador de vilania e lascívia, estão presente nas narrativas analisadas de Aluísio Azevedo, que, ao seguirem os pressupostos da estética naturalista, buscam maior referencialidade, retratando a mentalidade brasileira da época. Em *O mulato*,<sup>12</sup> o preconceito se manifesta especialmente em Maria Bárbara, (a avó de Ana Rosa, prima de Raimundo), por quem esse se apaixona. Maria Bárbara é terrível, intransigente e intolerante em sua idéia fixa de manter a “branquitude” de sua família, segundo ela, descendente de famílias portuguesas de estirpe. Maria Bárbara odeia os negros, mas mais ainda os mestiços, como Raimundo, a quem chama os “cabras”.

Rita Baiana<sup>13</sup> e Raimundo são mulatos, descritos como belos e sensuais. A aparência de ambos suscita a atração sexual em pessoas do sexo oposto, notadamente nas de pele branca. Rita Baiana é consciente de seu poder de sedução, e esbanja sensualidade nas rodas de samba. Já Raimundo parece surpreso com os desejos que provoca nas mulheres da sociedade, apesar de todo seu recato, tanto entre as solteiras, quanto entre as casadas. Perante a sociedade, elas fingem ignorá-lo, mas quando se encontram sozinhas, não perdem a oportunidade de convidá-lo para a alcova.

Se as duas personagens têm a sensualidade em comum ou, em outras palavras, o poder de instigar paixões, também possuem algumas peculiaridades. A principal é em relação à intelectualidade e à instrução. Raimundo, ao contrário de Rita Baiana, chama a atenção,

---

<sup>10</sup> BOSI, Alfredo. Sob o signo de Cam. In: *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>11</sup> Aqui significa condição de negro.

<sup>12</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. 20. ed. São Paulo: Martins, 1971.

<sup>13</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

principalmente, por sua formação acadêmica em Direito, realizada na Europa, pelas maneiras elegantes, enfim, pela fina instrução que demonstra. Ao repararmos nesse aspecto, salvo as diferenças visto que se tratava de uma cativa branca, é inevitável recordarmos da escrava Isaura, de Bernardo Guimarães,<sup>14</sup> que também recebera instrução e portava-se com elegância. Contudo, ao longo do romance de Aluísio Azevedo, fica evidente que a sociedade não reconhece em Raimundo o bacharel, com maneiras refinadas, inteligente, erudito e honesto. O mulato, como anuncia o título do romance, expõe um estigma pela cor de pele, que fará dele um sujeito socialmente marginalizado, constantemente exposto ao ridículo e ao desprezo, uma vez que, para aquela sociedade, as qualidades manifestas por Raimundo são permitidas somente às pessoas de pele alva.

Entretanto, cabe destacar a reação do próprio Raimundo quando se conscientiza da repulsão que sua cor provoca. Ser mulato, esse é o real motivo da recusa de Manoel, seu tio, em lhe conceder a mão da filha Ana Rosa. A palavra “mulato” fica ressoando em sua cabeça, repetidas vezes, atordoando-o de uma maneira surpreendente, como se Raimundo realmente jamais tivesse suscitado de sua origem africana por parte de mãe, tampouco reparado em sua própria fisionomia e tez. Ele somente se dá conta, quando ouve do tio a história de seu nascimento. Nesse momento, as desfeitas que recebera, ao longo de sua estada no Maranhão, começam a fazer sentido para ele:

- Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...  
- Eu?!  
- O senhor é um homem de cor!... Infelizmente essa é a verdade... [...] Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! **A família de minha mulher é muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão!** Concordo que seja asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos! [...] Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: ‘Mulato’. [...] - Mulato! Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. [...] Tu não tens a menor culpa do que fizeram os outros e no entanto és castigado e amaldiçoado pelos irmãos daqueles que inventaram a escravidão no Brasil! [...] Pois então de nada lhe valia ter sido bem-educado e instruído; de nada lhe valia ser bom e honesto? ... Pois, naquela odiosa província, seus conterrâneos veriam nele, eternamente, uma criatura desprezível, a quem repelem todos do seu seio?<sup>15</sup>

A compreensão de Raimundo da dimensão discursiva do tio, que apenas reproduz o discurso legitimador de instituições,<sup>16</sup> faz com que ele se sinta muito mal e deslocado,

---

<sup>14</sup> GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Moderna, 1991.

<sup>15</sup> AZEVEDO, 1971, p. 205-208. Grifos nossos.

<sup>16</sup> Como exemplificam a expressão grifada no excerto acima.

fazendo crescer em seu interior, sempre tão “branco”, sentimentos danosos: “Na brancura daquele caráter imaculado brotou, esfervilhando logo, uma ninhada de vermes destruidores, onde vinham o ódio, a vingança, a vergonha, o ressentimento, a inveja, a tristeza e a maldade”.<sup>17</sup> Manoel, por sua vez, não reconhece nenhum problema aparente em Raimundo, porém é incapaz de enfrentar a mentalidade preconceituosa, dominante naquela sociedade, personificada na figura de sua sogra, Maria Bárbara, perpetuando assim o estigma e o desprezo pelo mulato.

Recorrendo à análise da *performance* da *persona*, centrada na figura de Raimundo, a fim de examinar sua relação com um legado de exclusão, dispensado pela classe dominante, percebemos que a declaração de Manoel detona sentimentos ambíguos no protagonista. Primeiro revela-se a certeza de que “a natureza não criou cativos”.<sup>18</sup> Daí parece advir a consciência dos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais responsáveis pela escravidão e pelo racismo, por meio da qual o rapaz se libertaria. No entanto, isso não acontece. A *persona* não está preparada para remodelar a envoltura simbólica que, na ocasião, lhe dá forma, pois se encontra sedimentada por estratégias discursivas, que configuram a ideologia, exemplificada na atitude e fala de D. Amância, que lhe oferece um espelho e diz: “Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi uma escrava! E tu também o foste!”.<sup>19</sup>

Salientamos que Aluísio Azevedo trouxe para a literatura brasileira a figura do mulato que, segundo David Brookshaw, em sua obra *Raça e cor na literatura brasileira*, era um elemento, na época, mais temido do que o negro cativo, pois representava um perigo étnico ainda pior para aquela sociedade. Em *O mulato*, ao final do romance, embora não seja dito explicitamente, Raimundo fica como responsável pelos ataques histéricos que acometiam Ana Rosa. Ela torna-se uma vítima de sua sedução, que, ao despertar-lhe uma paixão doentia, quase a leva à loucura e à morte. Porém, quem morre é Raimundo, assassinado com um tiro pelo caixeiro Dias. Preferido pela família, Dias é o candidato branco para se casar com Ana Rosa, e encontra no cônego Diogo, representante da hipocrisia do clero, o grande incentivador para a prática do crime contra o mulato.

Com a morte de Raimundo, após algum tempo transcorrido, a sociedade burguesa maranhense volta à sua normalidade, sem ter que se preocupar com a ameaça da figura do mulato. E Ana Rosa casa-se com Dias, cumprindo o papel para ela determinado na sociedade

---

<sup>17</sup> AZEVEDO, 1971, p. 207.

<sup>18</sup> Id. Ibid., p. 207.

<sup>19</sup> Id. Ibid., p. 208.

brasileira da época, uma vez que, conforme Rita Schmidt, “o casamento figura a concretização da expectativa romântica para a qual a personagem foi socializada e convenientemente encaminhada por um narrador que, desde o início, mantém o imaginário feminino sob sua tutela”.<sup>20</sup>

Ao controle da subjetividade e do desejo feminino “por uma atitude narrativa autoritária”,<sup>21</sup> podem ser agregados discursos e sentidos sobre raça, bem como a imposição de padrões comportamentais mediante os quais as personagens de cor são moldadas e avaliadas, sempre conforme os valores e os interesses da classe dominante. Na verdade, como hipótese, essas questões podem ser examinadas em um *corpus* literário publicado em tempo e/ou espaço variados. Todavia, referimo-nos a um contexto específico, no caso em estudo, o do final do século XIX no Brasil, quando “os anos de alvoreço”<sup>22</sup> denunciavam a cena política local,<sup>23</sup> e os/as escritores(as) “(tanto românticos quanto naturalistas) leva[vam] ao máximo [o] povoamento do espaço literário pelo pormenor, - isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada”.<sup>24</sup> Ademais, a referencialidade se apresentava como um laboratório no qual os/as ficcionistas (em especial os naturalistas) observavam para descrever o comportamento de “seres de papel” influenciados pelo meio. Assim, além dos fatores citados, o uso de um método que garantisse a veracidade e a autenticidade dos fatos narrados fez com que o determinismo e o cientificismo fossem características da estética conhecida por naturalismo.<sup>25</sup>

Em *O mulato*, Raimundo, como já demonstramos, não consegue romper com discursos que reforçam violências como a estigmatização e a desqualificação pela cor da pele, a baixa auto-estima, etc. Considerando a intenção de Aluísio de Azevedo, como

<sup>20</sup> SCHMIDT, Rita. Da exclusão, da imitação e da transgressão: o caso do romance *Celeste*, de Maria Benedita Bormann. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antonio (orgs.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 81.

<sup>21</sup> Id. *Ibid.*, p. 82.

<sup>22</sup> Expressão utilizada por José Verissimo, conforme: VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

<sup>23</sup> A Abolição e a República, esses são os dois fatores ocorridos nas últimas décadas do século XIX, desencadeantes da crise que se alastra pelo século XX. Foram quatro séculos de escravidão que marcaram profundamente a cultura brasileira. Segundo Nelson Werneck Sodré, “a sua liquidação foi um dos processos mais complexos de nossa história, representou abalo que afetou todas as formas como aquela cultura se manifestava”. Por outro lado, o advento da República também causou grandes impactos, principalmente às oligarquias provinciais, que queriam preservar seus privilégios, e à burguesia em ascensão. SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 7-9.

<sup>24</sup> CANDIDO, 1970, p. 79.

<sup>25</sup> Precursor da estética naturalista, Émile Zola escreve as teorias do romance experimental: “*O romance experimental* é uma consequência da evolução científica do século; cabe-lhe continuar e completar a Fisiologia...; ele substitui o estudo do homem abstrato, do homem metafísico, pelo estudo do homem natural, submetido às leis físico-químicas e determinado pelas influências do meio”. ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos de literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 2001, p. 134.

ficcionista naturalista; o contexto sócio-político, econômico e cultural brasileiro da época; o exame da obra *O mulato*; e a afirmação de que o romance naturalista “viabilizou o ingresso na literatura de uma população considerada até então indigna de representação social e literária: gays, lésbicas, negros, pobres, mulatos, capoeiristas, desocupados”;<sup>26</sup> interrogamos: na narrativa, qual é o sentido da dificuldade do mulato para lidar com o preconceito racial?; Se o matrimônio inevitavelmente faz parte do desenlace da trama, por que Raimundo (mulato) foi impedido de se unir pelo matrimônio a Ana Rosa (branca)?

Independente das conjecturas procedentes dessas formulações, de fato, as figuras do negro e do mulato foram institucionalizadas como negativas. A legitimação da negatividade se dá com sua constante revigoração no cânone literário brasileiro. Isso sucede, por exemplo, no romance de 30, com as personagens de Jorge Amado. Basta observamos personagens como as mulatas Gabriela, de *Gabriela Cravo e Canela* (1958), que “viravam” a cabeça dos homens e deitavam-se com eles facilmente, e Ana Mercedes, de *Tenda dos Milagres* (1969), que, para progredir na carreira de escritora e publicar seus trabalhos, utilizava seus atributos sensuais. Marcadas por uma acentuada sensualidade e promiscuidade, lembram muito Rita Baiana, de *O Cortiço*.

Portanto, nos quase cinquenta anos depois de a publicação das obras de Aluísio de Azevedo, a lascívia, característica das personagens Rita Baiana e Raimundo, tem sua continuidade garantida nas personagens de Jorge Amado. Ademais permanece como tema de debate, em outras instâncias legitimadoras de discursos e, conseqüentemente, formadoras de ideologia, como o da “mescla de raças que funciona como pivô no discurso a respeito da sociedade”,<sup>27</sup> segundo Norvell. A mistura de raças, continua o autor, “aponta para uma origem situada impossível e assintoticamente no passado, porém eternamente presente na condição brasileira”.<sup>28</sup> A fim de comprovar sua hipótese, Norvell retoma os três livros considerados seminais para a construção da “história da civilização brasileira”, quais sejam: *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado, *Casa Grande & Senzala* (1935), de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Deles, comentamos os dois primeiros.

---

<sup>26</sup> MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 189-207, jul./dez 2008. Disponível em: <[http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&source=hp&q=o+romance+republicano&meta=&rlz=1R2ADFA\\_pt-BRBR342&aq=f&oq=>](http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&source=hp&q=o+romance+republicano&meta=&rlz=1R2ADFA_pt-BRBR342&aq=f&oq=>)>. Acesso em 11 out. 2009.

<sup>27</sup> NORVELL, John M. A brançura desconfortável das camadas médias brasileiras. In: REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvone. *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 249.

<sup>28</sup> NORVELL, 2001, p. 249.

De acordo com Novell, o texto de Paulo Prado atribui o fracasso do desenvolvimento do país às condições ambientais dos trópicos, ao entusiasmo sexual das mulheres nativas e escravas e à falta de resistência do colonizador à sensualidade delas. Ou seja, representante da aristocracia e autoridade discursiva, Prado desenvolve seu raciocínio pelo princípio da causalidade: a mistura de raças decorre do “excesso sexual”, no qual as mulheres são protagonistas. Da fragilidade (ou passividade?) do português, no que concerne aos apelos sexuais, sucede sua incompetência para governar. Para Prado, a nação brasileira “é um lugar feminino, cada vez mais definido pela indígena, pela escrava africana e pela mestiça e a mulata que mantêm a mistura de raças como processo permanente”.<sup>29</sup> Esse discurso falocêntrico e racista – mediante o qual de sujeitadas por inúmeras arbitrariedades numa sociedade patriarcal as mulheres de cor passam a ser responsáveis pelos entraves políticos, econômicos, sociais e culturais – repete-se naquele que “descobriu positividade onde antes tudo era visualizado como negativo”.<sup>30</sup>

Na trilha da reinvenção do Brasil, Gilberto Freyre procura resolver questões pertinentes à tradição e ao desenvolvimento; à conciliação “[d]a diversidade regional com a unidade nacional, [à] reformulação da imagem do País frente ao contexto internacional; [à] legitimação de novas alianças de poder que se processavam”.<sup>31</sup> Para isso, apóia-se no que Sandra Pesavento denomina “tripé”: a negritude, a mestiçagem, o lusitanismo. Todavia, se Freyre “desnudava o próprio caráter mestiço das elites”,<sup>32</sup> na tentativa de revelar o negro e o mulato “no seu justo valor”, o tripé é moldado ainda sob o signo do gineceu, visto que as relações oriundas na casa grande e na senzala são mediadas no trato sexual. Para completar, conforme Freyre, o êxito da “transação” muito deveu a capacidade de adaptação do português aos trópicos e a “outras gentes”. Por isso, ele afirma, as mulheres de cor apresentam uma sexualidade que “representam o Brasil, formam o Brasil, são o Brasil”.<sup>33</sup>

Kabengele Munanga, em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, cita o militante e intelectual negro Abdias do Nascimento cuja voz se contrapõe às posições de Freyre e à invenção do mito de democracia racial:

Remontando às origens do mulato brasileiro, [...] o Brasil escravocrata herdou de Portugal a sua estrutura patriarcal de família, cujo preço foi pago pela mulher negra. O desequilíbrio demográfico entre os sexos durante a escravidão, na proporção de uma mulher para cinco homens, conjugado com a relação assimétrica entre escravos

---

<sup>29</sup> NORVELL, 2001, p. 252.

<sup>30</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luis. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p. 179.

<sup>31</sup> PESAVENTO, 2004, p. 179.

<sup>32</sup> PESAVENTO, 2004, p. 181.

<sup>33</sup> NORVELL, 2001, p. 252. Grifos do autor.

e senhores, levou os últimos a um monopólio sexual das poucas mulheres existentes. Nesse contexto, as escravas negras, vítimas fáceis, vulneráveis a qualquer agressão sexual do senhor branco, foram, em sua maioria, transformadas em prostitutas como meios de renda e impedidas de estabelecer qualquer estrutura familiar.<sup>34</sup>

O sociólogo Gilberto Freyre, “o maior intérprete da cultura brasileira em todos os tempos, o mais ousado e o mais revolucionário”,<sup>35</sup> (para Juremir Machado), de fato, demonstrou a importância de negros, índios e mestiços para a formação da cultura brasileira, mas, ao homogeneizar diferenças, muito contribuiu para a valorização do ideal de branqueamento. Freyre é um dos mentores responsáveis por tornar “o[/a] mestiço[/a] (...) um símbolo nacional, paralelamente a um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados.”<sup>36</sup>

Na literatura, estabelecendo diálogo com a tese de Gilberto Freyre, Jorge Amado,<sup>37</sup> como já mencionado, continua a perpetuar o estereótipo sensual de Rita Baiana, protótipo da heroína naturalista, cuja composição biológica determina o comportamento.<sup>38</sup> Hereditário também parece ser o símbolo a ela atribuído, já que, representando a liberalidade sexual, a mulata não pode ser esposa ou mãe.<sup>39</sup> Sob um viés crítico, o discurso de Abdias do Nascimento, antes citado, traz o argumento necessário para rebater pretensas heranças deterministas, pois, para ele, o comportamento da negra e mestiça é um legado histórico, cultural e social, construído em quatro séculos de escravidão.

Exemplo do que poderia ser a rotina de uma escrava, encontramos no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Publicado no início do século XX, no livro *Relíquias da Casa Velha* (1906), Machado cria uma personagem mulata que foge aos estereótipos naturalistas. Trata-se de Arminda, escrava grávida, que, em fuga, é perseguida por Cândido Neves. Vivendo em estado de penúria com a sogra, a esposa e o filho recém-nascido, Cândido busca a recompensa de cem mil réis, oferecida a quem recapturasse Arminda. Com esse

---

<sup>34</sup> MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 98.

<sup>35</sup> MACHADO, Juremir da Silva. Gilberto Freyre, o clássico injustiçado. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luis. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p. 202.

<sup>36</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 28.

<sup>37</sup> A correlação baseia-se em pesquisas de Ilana Seltzer Goldstein, para quem, “*grosso modo*, na representação que Jorge Amado constrói do Brasil habita a crença de que, entre nossas virtudes, estão: a grande mestiçagem cultural e biológica entre índios, africanos e europeus; a exaltação dos cinco sentidos e dos prazeres sensuais; o amor à festa e a alegria de viver; a tolerância racial, a solidariedade; e finalmente, a excepcional riqueza da cultura popular brasileira, na música, no artesanato, na culinária, nas trovas populares”. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *Diálogos latinoamericanos: uma leitura antropológica de Jorge Amado*. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/162/16200508.pdf>>. Acesso em 13 out. 2009.

<sup>38</sup> Cabe a Flora Süssekind a lembrança de que “é como *neonaturalista* que caracterizam, dentre outros Otto Maria Carpeaux e Antonio Cândido, o romance de 30. SÜSSEKIND, 1984, p. 40.

<sup>39</sup> BROOKSHAW, 1983.

dinheiro, havia a possibilidade de ele e a mulher começarem a criar o filho, caso contrário, o desenlace do destino da criança seria na Roda dos Enjeitados. Uma vez capturada e entregue ao proprietário, a escrava aborta. Ao presenciar o fato, Cândido considera: “nem todas as crianças vingam”.<sup>40</sup>

O conto de Machado de Assis rompe, em certa medida, com o estereótipo naturalista que veio constituindo, até hoje, o paradigma do negro, estigmatizado por causa da cor da pele, na literatura brasileira. Ele apresenta o problema da escravidão sob uma ótica diferente, demonstrando que o comportamento rebelde do negro e do mulato era consequência do próprio sistema escravagista, e não um traço racial. Aliás, o próprio comportamento brutal de Cândido (cujo significado remete para pureza, alvura, inocência) deve ser examinado tendo-se em vista a dialética das relações de poder.

Ambos, Cândido e Arminda são marginalizados socialmente. Sem emprego fixo, tampouco moradia, com frequência enxovalhado pela tia da esposa que os sustenta, obrigado a depositar o filho na Roda dos Enjeitados, Cândido obtém parcos vinténs no exercício de uma atividade que reforça e garante a continuidade do sistema escravocrata. Portanto, apesar dos aspectos desumanos de uma estrutura social que promove, de maneira contínua, as desigualdades e legitima a violência, Cândido está em relação de superioridade perante Arminda. Em meio às privações, ele possui o livre-arbítrio. Assim, por não querer se subordinar, optou em abandonar diversos empregos, decidindo-se por capturar escravos fugitivos, afinal “não obrigava a estar longas horas sentado”.

Ao contrário, mesmo antes do nome próprio que a individualiza, Arminda é uma escrava, ou seja, “alguém cujo corpo pertence a outro, que faz dele o que bem entender”.<sup>41</sup> Para essa *persona*, somente há possibilidade de se constituir na alteridade em meio aos conflitos, como são as fugas ou as tentativas. Em *Pai contra mãe*, a envoltura simbólica da personagem Arminda é moldada pelo contato dela com Cândido. A violência praticada por ele faz com que Arminda aborte o filho que não lhe pertencia. No final de século XIX, ainda o direito a ter uma família era lhe negado.

No painel de estereótipos de personagens negras, Arminda, personagem de Machado de Assis, apresenta a diferença, pois quando o negro não era representado como um ser quase bestial, com instintos animais e amorais, ele era mostrado como um ser absolutamente fiel e devotado ao branco, ou então incapaz de enfrentar os preconceitos raciais. Podemos

---

<sup>40</sup> ASSIS, Machado. *Pai contra mãe*. In: *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957, p. 26.

<sup>41</sup> LOPES, Nei. *O racismo: explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 101.

simbolizar essa teoria como um pêndulo, que ora inclinava-se ao negro imoral, ora ao negro fiel. A esse respeito nos explica David Brookshaw que as primeiras manifestações literárias tendiam ao negro fiel. Mas, com o advento do abolicionismo, a tendência se voltou ao negro “demônio”, ou seja, o escravo imoral:

O interesse do naturalismo pela pobreza e sordidez significava que se poderia dar rédea larga a um estudo clínico do negro, na qual sua bestialidade seria demonstrada, não apenas na liberdade de descrição, mas na consideração de certos tópicos proibidos até aqui, tais como homossexualidade, contato sexual entre homem negro e mulher branca e a incontável sensualidade do negro em geral (BROOKSHAW, p. 43-44, 1983).

Passou-se a divulgar o perigo de manter-se escravos em casa, o que seria uma ameaça à integridade física e moral das esposas e das filhas. É a teoria da “vítima e do algoz” em que o negro é vítima dos maus-tratos e da falta de liberdade, mas é também algoz, por representar um perigo aos seus proprietários. É dessa visão que se serve Aluísio Azevedo e outros autores, buscando mostrar que a convivência com os negros e mestiços não era algo saudável.

Na análise da personagem negro Bonifácio, do conto de Simões Lopes Neto, percebemos que ele se encaixa na perspectiva do negro mau, cuja convivência é um dano. Bonifácio é descrito como um negro forte, porém, feio, que gosta de farrear, jogar e beber. Ou seja, é um negro cheio de vícios, que não abre mão do truco e da cachaça.

No final do conto, o narrador explicita que o negro Bonifácio foi o primeiro homem da personagem Tudinha, moça bonita, muito disputada pelos rapazes (brancos) da localidade e, que ela estava enciumada pelo fato de o negro estar andando com outra mulher. O narrador mostra indignação e espanto, por não entender como uma morena bonita podia se interessar por um negro sem nenhum atrativo. Está subentendido, mais uma vez, o poder de sedução do negro, a sua sensualidade que enfeitiça e põe a perder quem com ele se envolve. Tudinha vingava-se esqueteando o negro, principalmente seu órgão genital. Pode-se concluir que, neste conto, não há uma ruptura com a figura estereotipada e institucionalizada do negro.

No romance *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas,<sup>42</sup> uma personagem chama muita atenção: o Sargento Caldeira. À primeira vista, pode-se incluí-lo na perspectiva do negro fiel, pela sua extrema dedicação e amizade ao General Netto. Executando-se uma análise mais profunda, é possível perceber que se trata de uma personagem mais complexa. É bem verdade que há uma amizade sincera, de muito respeito e fidelidade, entre o sargento

---

<sup>42</sup> RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

negro e o general. Contudo, vê-se em Caldeira, uma consciência política muito marcante, pois ele luta tendo em vista conquistar direitos para os homens negros, sabendo que para isso precisa se unir a homens brancos, como o General Netto. Ele tem a percepção de que não basta aos negros romper com todos os brancos em busca da liberdade, ou, então, isolar-se, mas participar politicamente, buscando seus direitos.

Ao final da Revolução Farroupilha, os farrapos saem vencidos e o General Netto não consegue fazer cumprir sua promessa de liberdade aos negros que lutaram, bravamente, durante a guerra. Revoltados, alguns soldados negros, como o jovem Milonga, que saiu ainda adolescente de uma estância para lutar ao lado dos “lanceiros negros” motivado por um ímpeto sonhador e idealista, procuram o Sargento Caldeira para tirar satisfações e pedir para que se junte a eles, e os conduza até o Quilombo das Encantadas. Destacamos a fala do Sargento Caldeira aos rapazes, naquela ocasião: “Nossa oportunidade de ser livres de verdade é continuar ao lado dos republicanos. Juntar nossas forças. Não importa que a guerra tenha terminado. As idéias continuam. Precisamos de fatos políticos e não de andar vagando pelas serras sem eira nem beira”.<sup>43</sup>

O Sargento Caldeira leva as suas convicções às últimas conseqüências, chegando a assassinar o jovem Milonga, quando ele decide matar o General Netto, que considera um mentiroso, um traidor da causa de libertação dos soldados negros, após a guerra. Matar o jovem é uma decisão difícil para Caldeira, mas ele tem certeza de que o melhor é defender o General Netto, não só por ser seu grande amigo, mas, principalmente, por ser um republicano, um aliado na busca de um futuro melhor para os negros. Tal resolução é muito marcante quando ele diz “Milonga, negrinho burro, matar um general não é mais um fato político”.<sup>44</sup> Com esta afirmação, o Sargento Caldeira não está desdenhando o bravo e sonhador Milonga, porém lamentando que ele não tenha compreendido o jogo político, que acaba por envolver a vida e o destino das pessoas.

Por sua complexidade e consciência política, por dar-se conta da teia discursiva que envolve atitudes e representações, o Sargento Caldeira é uma personagem diferenciada na literatura brasileira. Enquanto *persona*,

partindo-se então do discurso engendrado pelo par *persona* – papel, dissemos que: (a) por ele [...] cria-se uma janela pela qual se entra em contato com o mundo, i.e., o encontra e deixa-se encontrar; (b) o fluxo assim escolhido, a maneira como é interpretado o mundo que assim se seleciona passam a conter um sentido exclusivo.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> RUAS, 2001, p. 94.

<sup>44</sup> RUAS, 2001, p. 102.

<sup>45</sup> COSTA LIMA, 1991, p. 129.

A tomada de consciência do Sargento Caldeira é a janela pela qual ele entra em contato com a realidade. Consciente das estratégias discursivas que constroem e apagam eventos e conflitos, segundo os interesses que norteiam as relações de poder, a personagem conhece e aceita sua negritude.<sup>46</sup>

Dessa forma, através dele, ocorre um significativo rompimento da figura institucionalizada do negro, ou seja, da representação estereotipada e preconceituosa tantas vezes apresentada pelo cânone literário brasileiro. Por meio de personagens como o Sargento Caldeira, é possível reconhecer e resgatar o valor do negro, manifestado em tantos momentos históricos, na sua luta incessante por liberdade, na resistência dos quilombos, na participação em guerras e revoluções, que marcaram a trajetória do Brasil.

Da experiência do negro, efetivada no devir histórico, vem a indagação realizada pela epígrafe no início deste ensaio. A resposta está na continuação do poema de Cuti:

toco em brasa  
a questão vem crepitada  
fecunda e permanente  
rolando  
pelos glóbulos pretos  
infectados de rancores brancos:  
- quem tem mais de 300  
de resistência no abismo?  
silêncio incandescente  
morre a esperança  
em overdose de cinismo  
e desabrocha a consciência em  
cactos<sup>47</sup>

Que o século XXI seja o momento em que surjam novas obras sobre o tema da negritude, assunto que ainda merece ser muito debatido, e que o imaginário artístico brasileiro rompa, definitivamente, com a manutenção dos estereótipos negativos criados em torno da figura do negro.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos de literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 2001.

---

<sup>46</sup> No sentido de saber-se em um contexto de discriminação e de dominação e, conseqüentemente, reagir em busca de uma identidade negra. BERND, Zilá. *Negritude*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 127.

<sup>47</sup> CUTI. [s.d.]. *Cadernos negros*. Disponível em: <<http://www.cuti.com.br/>>. Acesso em 11 out. 2009.

- ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues dos. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: LP&M, 1998.
- ASSIS, Machado. Pai contra mãe. In: *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Martins, 1971.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Cultura negra e dominação*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BERND, Zilé. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- COSTA LIMA, Luis. *Persona e sujeito ficcional*. In: 2º CONGRESSO ABRALIC. Literatura e Memória cultural, 1991, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, p. 117.
- CUTI. [s.d.]. *Cadernos negros*. Disponível em: <<http://www.cuti.com.br/>>. Acesso em 11 out. 2009.
- BOSI, Alfredo. Sob o signo de Cam. In: *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BROOKSHAW, David. Jorge Amado: populismo e preconceito. In: *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- BROOKSHAW, David. Literatura Abolicionista: a criação do estereótipo. In: *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *Diálogos latinoamericanos: uma leitura antropológica de Jorge Amado*. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/162/16200508.pdf>>. Acesso em 13 out. 2009.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Moderna, 1991.
- LOPES, Nei. *O racismo: explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- LOPES NETO, Simões. O negro Bonifácio. In: *Contos gauchescos*. 9 ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- MACHADO, Juremir da Silva. Gilberto Freyre, o clássico injustiçado. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luis. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 189-207, jul./dez 2008. Disponível em: <[http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&source=hp&q=o+romance+republicano&meta=&rlz=1R2ADFA\\_pt-BRBR342&aq=f&oq=>](http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&source=hp&q=o+romance+republicano&meta=&rlz=1R2ADFA_pt-BRBR342&aq=f&oq=>)>. Acesso em 11 out. 2009.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NORVELL, John M. A brancura desconfortável das camadas médias brasileiras. In: REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvone. *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luis. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHMIDT, Rita. Da exclusão, da imitação e da transgressão: o caso do romance *Celeste*, de Maria Benedita Bormann. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antonio (orgs.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. Uma ideologia estética: o naturalismo. In: *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Recebido em: 03/06/2009

Aprovado em: 18/11/2009

Contato: maristela.klg@gmail.com; adribayer@gmail.com